

Blaanc

«Defendemos uma arquitectura mais prática mas mais consciente e responsável»

LUÍS SANTIAGO BAPTISTA
PAULA MELÂNEO

O atelier Blaanc, composto por Ana Morgado, Lara Camilla Pinho, Maria do Carmo Caldeira e Paz Braga, tem-se orientado para novos campos de trabalho, potenciados pela realidade globalizada. Em parceria com o arquitecto João Caeiro, este atelier apresenta já um conjunto significativo de projectos realizados e obras a decorrer em contextos de emergência em diversos continentes. No limite, o seu posicionamento de matriz ética pode funcionar como um apelo potencial à redefinição da profissão.



arqa: Qual a vossa perspectiva da arquitectura portuguesa contemporânea? Sentem que existem diferenças geracionais no nosso contexto disciplinar? Se sim, como e onde se manifestam?

Blaanc: Reconhecemos na arquitectura portuguesa actual características relacionadas com uma crescente pluralidade e diversidade nos seus intervenientes e campos de acção. Como é sintomático em todas as gerações existem diferenças em relação àquelas que as antecedem. A nova geração tem na sua génese o facto de apresentar uma grande heterogeneidade, abordagens e trabalhos muito distintos, mas ainda assim, como é próprio do conceito de geração, podemos encontrar naqueles que lhe pertencem pontos em comum. Entre os mais fáceis de identificar destacamos o facto de existirem mais colectivos do que arquitectos a trabalhar em nome individual, o número crescente de formações ou experiências profissionais além-fronteiras e encontrar-se no seu trabalho reflexos do mundo globalizado de hoje. Existe ainda a questão da competitividade, resultado do facto de a comunidade de arquitectos portuguesa ser hoje maior do que nunca, o que torna o trabalho ainda mais exigente. Apesar de na sua maioria este esforço ter resultados positivos a verdade é que nem tudo é válido na procura pela diferença.

arqa: Como definem o vosso posicionamento disciplinar e programa arquitectónico, tendo em conta o actual panorama geral da arquitectura contemporânea? Que papel pode ter a vossa actividade como arquitectos?

Blaanc: O nosso programa arquitectónico é relativamente particular pois de grosso modo divide-se entre uma encomenda mais convencional relacionada com reabilitação em Portugal e no Brasil e entre uma arquitectura de carácter humanitário. Em ambos os casos, a sustentabilidade é um denominador comum. O papel que poderemos vir a ter será tão preponderante consoante aquilo até onde conseguirmos ir. Acreditamos que existe muito, mas mesmo muito a fazer pela e com a arquitectura e que está na altura de reinventar o papel do arquitecto. Não por esta ser uma necessidade inerente ao panorama actual de escassez de trabalho, mas principalmente porque a arquitectura tem um impacto muito concreto na qualidade de vida das pessoas. Defendemos uma arquitectura mais prática mas igualmente mais consciente e responsável em alternativa à arquitectura do espectáculo, da pura forma, alienada de compromissos sociais.

arqa: Que filiações ou influências marcaram o vosso percurso formativo e profissional? Como é que elas se manifestam na vossa produção arquitectónica?

Blaanc: É sempre difícil falar das nossas influências, pois elas têm diversas proveniências. Desde as experiências no estrangeiro em países tão distintos como a Holanda ou o Brasil, passando por este ou aquele arquitecto ou mesmo pelo contexto em que nos movemos,



Cape Cocktail, Lisboa, 2009

são muitas as influências que vão moldando o nosso modo de pensar. Nesse sentido, os problemas de habitação e pobreza no mundo preocupam-nos muito e estamos cada vez mais cientes de que a arquitectura nunca deve perder de vista o seu papel social ou até mesmo humanitário. Por sua vez, há a questão da sustentabilidade nas suas diversas vertentes: ecológica, social e económica, pois acreditamos que não podemos continuar a construir como se não houvessem consequências a esses níveis. Finalmente, temos também muito presente o binómio tecnologia/tradição, de “como o novo invade o velho, e o velho invade o novo” (C. Rowe). De facto, se por um lado a tecnologia e a rapidez de comunicação fazem com que se diluam as fronteiras e limites, abrindo-nos a infinitas e novas possibilidades, sentimo-nos também atraídas pela tradição, pela arquitectura vernacular, pelo revisitar de propostas do passado, numa tentativa de procurar o que tiveram de positivo e o modo como se relacionavam com o meio. Reconhecendo a importância da tradição e o saber adquirido ao longo de gerações, poderemos mais facilmente criar uma arquitectura sustentável, enriquecida com o saber da contemporaneidade e adaptada às necessidades de hoje, em contraponto à novidade pela novidade, que tanto caracteriza a prática arquitectónica dos nossos dias. Para mencionar alguns exemplos daqueles que são para nós referências, Cameron Sinclair - da Architecture for Humanity, Yona Friedman, Dick Urban Vestbro - da ARC: PEACE, Hassan Fathy ou Rural Studio, são apenas alguns cujo trabalho admiramos.

arqa: Qual a vossa posição perante a realidade produtiva, económica e social em que intervêm? Quais os grandes desafios por trás da vossa abordagem arquitectónica?



Palmela Village Golf Resort - ClubHouse, 2009

Blaanc: Acreditamos que é essencial que a arquitectura não seja praticada distanciada da realidade que a rodeia e que, mais do que isso, deverá ter um papel activo no que respeita a intervir e influenciar positivamente o rumo dessa mesma realidade. Temos clara consciência que não se consegue mudar tudo de uma única vez e que estes são desafios extremamente trabalhosos, mas não aceitamos outra hipótese se não pôr em prática aquilo em que acreditamos. A arquitectura ainda tem um longo caminho a percorrer para conquistar um lugar que é seu por dever e direito. Projectar a pensar nas pessoas, no ambiente que as rodeia e no impacto do resultado é a essência do objectivo. “Fazer aquilo que se pode, com aquilo que se tem, no sítio onde se está” (T.Roosevelt).

arqa: Que áreas de trabalho e tipos de encomenda vos motivam? Como estabelecem e gerem as vossas opções profissionais tendo em conta a sustentabilidade do atelier?

Blaanc: Não temos um leque limitado no que diz respeito ao tipo de encomenda do atelier, pois existem inúmeras áreas onde gostaríamos de desenvolver o nosso trabalho. Interessa-nos também explorar o trabalho noutros universos artísticos, assim como colaborar com pessoas de outras áreas para melhorar o nosso contributo. Mas o que mais nos atrai é esta possibilidade concreta que a arquitectura tem de melhorar a vida das pessoas e o ambiente. Este não é provavelmente o caminho mais sustentável para o atelier do ponto de vista económico, mas é isso que nos move.

arqa: Porque optaram por um nome colectivo para o vosso atelier? O que significa e o que pretende comunicar essa designação?

Blaanc: Simplesmente é o que nós somos, um colectivo. O nome blaanc, derivado do francês “blanc”, procura reflectir a simplicidade, o princípio de tudo. Por sua vez, “borderless architecture” tem dois sentidos: um que tem haver com um certo desprendimento do espaço, do lugar físico de onde e para onde se projecta e outro que tem que ver com a missão da arquitectura. “Sem fronteiras” significa que temos como objectivo testar até onde vão os nossos limites e capacidades.

arqa: Seja entre vocês como colectivo, seja com colaborações externas ou projectos paralelos, como caracterizam a vossa forma de trabalhar? Que contactos e redes de investigação procuram estabelecer?

Blaanc: Acima de tudo, há um grande empenho e dedicação em tudo o que fazemos, e esse é o factor fundamental. Num mundo cada vez mais global, com uma oferta crescente e quase infinita de novas tecnologias, o local físico a partir do qual trabalhamos torna-se cada vez mais irrelevante, pois tiramos partido de todos os instrumentos que temos à disposição dentro do universo da *Internet* (*Skype*, *Dropbox*). Apesar de nada substituir verdadeiramente o contacto directo, as novas tecnologias encurtam maravilhosamente as distâncias e permitem aproximarmo-nos de uma maneira cada vez mais viável. Aliás, sentimos isso muito presente na nossa prática diária, pois trabalhamos constantemente com a nossa sócia no Brasil e com os nossos parceiros no México ou no Gana, países onde temos obras a decorrer. Este universo virtual permite-nos também estar a par e participar no fervilhar de ideias que existe no mundo, sendo possível estabelecer uma rede cada vez mais abrangente de interesses em comum, ou até parcerias profissionais. Na realidade, estamos sempre a aprender, e há que usar os meios que estão ao nosso alcance.

arqa: Como se desenvolve o vosso processo criativo? Que questões e instrumentos projectuais privilegiam?

Blaanc: Entendemos que cada projecto tem as suas características e especificidades, pelo que não temos uma fórmula fechada de

Acreditamos que existe muito, mas mesmo muito a fazer pela e com a arquitectura e que está na altura de reinventar o papel do arquitecto. Não por esta ser uma necessidade inerente ao panorama actual de escassez de trabalho, mas principalmente porque a arquitectura tem um impacto muito concreto na qualidade de vida das pessoas.

abordagem ou processo criativo. Apesar disso, existe um ponto transversal a todos, que é o da importância que o conhecimento profundo do local tem, pois esta é a base da nossa arquitectura. A partir daí, um esboço, uma frase, uma imagem podem servir de rastilho e vir a solidificarse num fio condutor. Depois de uma fase inicial de *brainstorming*, e em que tudo é debatido até haver consenso, vamos alternando entre esboços, estudos no computador, maquetas, o que for necessário. Assim, a pouco e pouco, o projecto vai emergindo. E em todas as fases existe uma constante verificação da sua viabilidade em relação à realidade. Cada projecto deve ser encarado com a frescura de um recomeço, como um novo desafio, uma nova oportunidade.

arqa: No âmbito do nosso mundo mediatizado, como entendem e desenvolvem as práticas de divulgação do vosso trabalho? Que plataformas e meios privilegiam? Qual o vosso entendimento do papel da imagem na arquitectura actual?

Blaanc: Cientes de que nos dias de hoje o olho humano é bombardeado com mais imagens e informação por dia como nunca foi, impera a pergunta constante de “o que fazer para sobressair?”- que consciente ou inconscientemente acaba por ser comum a qualquer actividade, não ficando a arquitectura de fora. A imagem é de facto muito importante e é uma forma eficaz de comunicação, mas não vale só por si, tem que ter substrato. Embaladas pelo universo mediatizado de hoje e procurando tirar partido de todas as facilidades que este oferece, divulgamos o nosso trabalho através de plataformas *online*, com especial incidência no nosso site www.blaanc.com e incluindo as redes sociais que nos possibilitam a divulgação de informação em tempo real. No entanto, apesar das facilidades que existem hoje em

dia, achamos que os arquitectos têm ainda algum pudor em comunicar o seu trabalho, temendo que isso se confunda com comercialização, cuja conotação é negativa. É essencial, pelo bem da profissão, comunicar para o público em geral e não em exclusivo para restante comunidade de arquitectos, não esquecendo ainda, que são dois tipos de comunicação que deverão ser diferentes. De facto, há nos dias de hoje um enorme distanciamento entre o arquitecto e a sociedade, o que é um problema grave, uma vez que precisamente a arquitectura, entre todas as artes, é a que pressupõe uma relação mais objectiva com o homem.

arqa: Como (ante)vêem o vosso atelier, a vossa actividade e a vossa arquitectura daqui a dez anos?

Blaanc: Em primeiro lugar, pretendemos que o nosso trabalho mantenha sempre uma perspectiva sustentável, pois não podemos continuar a construir como se daí não resultassem consequências a nível ambiental, económico ou social. Por outro lado, gostávamos de conseguir dedicar-nos mais a projectos de carácter humanitário, indo assim ao encontro do papel social que julgamos que a arquitectura deve ter. Continuar a desenvolver um trabalho com um resultado cada vez mais humano e mais enriquecido pela experiência. Se cada arquitecto estiver disposto a dar um pouco do seu saber e criatividade, poderemos com certeza contribuir para mudar mentalidades e melhorar a vida de muitas pessoas. Finalmente, há a questão da nossa evolução enquanto arquitectas. Estamos sempre a aprender e devemos estar atentos a tudo o que nos rodeia, pois a realidade de cada lugar é diferente, assim como os seus problemas. Como diz Souto Moura, “Nós temos a possibilidade de alterar o mundo, para melhor”. É isso que queremos tentar fazer. ■



Fundação Medeiros e Almeida, Loja e Cafeteria, 2010